

**MARCAS DE USO EM DICIONÁRIOS  
DIALETAIS BRASILEIROS DO SÉCULO XX**

Ivan Pedro Santos Nascimento (UFBA)  
[ips.nascimento@hotmail.com](mailto:ips.nascimento@hotmail.com)

**RESUMO**

Pretende-se, neste trabalho, apresentar uma breve análise das marcas de uso empregadas em cinco dicionários dialetais brasileiros do século XX, com o intuito de refletir sobre o registro da variação linguística e os juízos de valor embutidos nesses segmentos. As obras examinadas foram *O dialeto caipira* (1920); o *Vocabulário sul-rio-grandense* (1935); o *Vocabulário amazônico* (1942); o *Vocabulário de termos populares e gíria da Paraíba* (1959); e o *Dicionário de termos populares* (Registrados no Ceará) (1959). O estudo fundamenta-se em Atkins e Rundell (2008), Burkhanov (1998), Cardoso (1999; 2010), González (2011), Hartmann e James (2002), Miranda (2014; 2019), Krieger (2009), Rey-Debove (1984), Silvestre e Verdelho (2007), Welker (2004; 2005; 2006; 2011) e Zgusta (1971). A metodologia consistiu na coleta das marcas de uso encontradas nos verbetes pertinentes a substantivos e verbos inseridos nas três primeiras páginas das letras A, B, C, M, N, O e S; identificação das etiquetas, tabulação dos dados e análise. Como resultados, foram obtidos 58 itens que se classificam em marcas de uso diatópicas, diatópico-diastráticas, diastráticas, diacrônicas, diatópico-diacrônicas, diafásico-diastrática e diafásicas. Além disso, uma indicação de estrangeirismo e outra de folclore.

**Palavras-chave:**

Dicionários dialetais. Lexicografia dialetal brasileira. Marcas de uso.

**ABSTRACT**

It is intended, in this work, to present a brief analysis of the usage labels used in five Brazilian dialectal dictionaries from 20th century, in order to reflect on the registration of linguistic variation and the judgments embedded in these segments. The examined works were *O dialeto caipira* (1920); *Vocabulário sul-rio-grandense* (1935); *Vocabulário amazônico* (1942); *Vocabulário de termos populares e gíria da Paraíba* (1959); and *Dicionário de termos populares* (Registrados no Ceará) (1959). The study is based on Atkins and Rundell (2008), Burkhanov (1998), Cardoso (1999; 2010), González (2011), Hartmann e James (2002), Miranda (2014; 2019), Krieger (2009), Rey-Debove (1984), Silvestre and Verdelho (2007), Welker (2004; 2005; 2006; 2011) and Zgusta (1971). The methodology started from the collection of the usage labels found in the entries pertinent to nouns and verbs inserted in the first three pages of the letters A, B, C, M, N, O and S; label identification, data tabulation and analysis. As a result, 58 items were obtained, classified as diatopic, diatopic-diastratic, diastratic, diachronic, diatopic-diachronic, diaphásic-diastratic and diaphásic labels. In addition, an indication of foreignness and another of folklore.

**Keywords:**

Dialectal dictionaries. Usage labels. Brazilian dialectal lexicography

## 1. Introdução

Marcas de uso são segmentos informativos da microestrutura de um dicionário que fornecem, ao consulente, as dimensões sociolinguísticas de um item lexical e suas condições de emprego, no exercício socio-comunicativo, por meio de rotulações convencionadas no âmbito do planejamento da obra lexicográfica, na macroestrutura, contando com a sensibilidade e a intenção do lexicógrafo sobre o *corpus* linguístico.

Burkhanov (1998, p. 256, tradução nossa) define marca de uso como “tipo de indicador lexicográfico que intenta representar o uso, isto é, os limites no uso de itens lexicais em relação ao tempo, espaço ou circunstâncias comunicativas de interação ditadas pela estrutura de uma dada língua e costumes da comunidade linguística<sup>113</sup>”. Hartmann e James (2002, p. 150, tradução nossa) descrevem como “a marcação de uma palavra ou frase como típica ou apropriada em um contexto particular ou variedade da língua<sup>114</sup>”. Em trabalhos mais recentes da lexicografia brasileira, Oliveira (2017, p. 37) classifica como “recurso microestrutural” que se manifesta na “necessidade de classificar um uso lexical dentro de um contexto, quando há uma gama de opções para serem selecionadas” (p. 35-6) e Vilairinho (2017, p. 376) como “recursos lexicográficos para registrar lexemas que remetem a contextos de variação diacrônica, diatópica, diastrática, diafásica, entre outras”. Em síntese, apesar das flutuações terminológicas, no que tange ao pertencimento das marcas de uso na arquitetura dos dicionários, percebe-se um consenso na constituição de um espaço ao registro da variação linguística.

Dicionários, assim como as gramáticas, são artifícios metalinguísticos que oferecem um acesso sistematizado às línguas e auxiliam no ensino-aprendizagem e no reconhecimento de normas. No que concerne ao direcionamento desses trabalhos, que podem ser desenvolvidos por acadêmicos, especialistas do mercado editorial e autônomos, identificam-se obras de cunho prescritivo, que visam à padronização e a manutenção de usos socialmente aceitos; e de cunho descritivos, voltados inteiramente à configuração e ao funcionamento do fenômeno linguístico. Levando em conta a amplitude da língua e das variedades em uso, podem-se desen-

---

<sup>113</sup> [...] kind of lexicographic indicator intended to represent usage (2), i.e., the limitations on the use of lexical items according to time, place, or circumstances of communicative interactions as dictated by the structure of a given language and the customs of the linguistic community.

<sup>114</sup> The marking of a word or phrase as typical or appropriate in a particular context or language variety.

volver trabalhos com recortes sobre o léxico em funcionamento, o que permite um universo tipológico com diferentes construções e abordagens, pois “o conteúdo e a forma de cada aspecto de um dicionário deve, centralmente, levar em conta quem serão os usuários e para o que eles usarão o dicionário<sup>115</sup>” (ATKINS; RUNDELL, 2008, p. 5, tradução nossa).

Assim, busca-se, neste artigo, analisar as marcas de uso empregadas em cinco dicionários dialetais do século XX, com o intuito de refletir sobre o registro da variação linguística e os juízos de valor embutidos nesses segmentos, observando até que ponto os trabalhos convergem em termos de tipologia dicionarística. Esta iniciativa advém dos resultados obtidos pelo pesquisador, no âmbito do mestrado, no projeto de pesquisa “Lexicografia dialetal brasileira: o estado da arte no século XX (1920-1959)”, em que se identificaram 58 marcas de uso.

## **2. Dicionários dialetais e a percepção das marcas de uso**

A lexicografia, ao longo dos séculos, assumiu os estatutos de arte, técnica, prática, saber, ciência e disciplina, à medida que se adotaram perspectivas teórico-metodológicas em relação ao seu principal produto, o dicionário, e à finalidade do conhecimento metalinguístico elencado em seus artigos. Assume-se, neste trabalho, a perspectiva de Welker (2006, p. 223), que a define como “a investigação sobre o uso de dicionários; as outras são: o estudo de problemas ligados à elaboração de dicionários, a análise e crítica de dicionários e a história dos dicionários”. O objeto particular de análise e crítica de dicionários é o emprego das marcas de uso, como segmentos informativos, em dicionários dialetais.

O dicionário dialetal é um produto lexicográfico monolíngue, voltado a falantes nativos e não-nativos de uma língua, com um projeto dicionarístico e um programa de informações que enfatiza o léxico em uma dimensão diatópica. Nascimento (2020), em dissertação de mestrado, fez uma listagem de trabalhos do século XIX ao XXI, delimitando sua pesquisa metalexigráfica no século XX, a partir do exame de cinco obras: *O dialeto caipira* (1920); o *Vocabulário sul-rio-grandense* (1935); o *Vocabulário amazônico* (1942); o *Vocabulário de termos populares e gíria da Paraíba* (1959); e o *Dicionário de termos populares (Registrados no*

---

<sup>115</sup> [...] a dictionary is a description of the vocabulary used by members of a speech community (for example, by ‘speakers of English’). And the starting point for this description is evidence of what members of the speech community do when they communicate with one another.

Ceará) (1959). Não se desenvolveu uma investigação da realidade total das obras, mas um estudo sobre uma amostra de verbetes pertinentes a substantivos e verbos insertos nas três primeiras páginas das letras A, B, C, M, N, O e S, o que, na tentativa de construir um repertório amplo, modesto e exequível de análise. Os dados dessa pesquisa são retomados aqui, aproveitando-se o aparato metodológico desenvolvido para a apreensão da microestrutura; dimensão lexicográfica em que as marcas de uso se expressam, os esquemas resumptivos em que se explicitam a composição e a sintaxe dos segmentos informativos no verbete e o inventário de marcas de uso identificadas.

De imediato, é importante se familiarizar a dois termos cujos conceitos podem ser confundidos: microestrutura e verbete. A microestrutura é o conjunto de itens e indicadores relativos a um verbete. Os itens ou segmentos informacionais costumam se inserir nas esferas da forma, como, por exemplo, a pronúncia, a ortografia, a etimologia e categoria gramatical; do conteúdo, como definições e sinônimos; e do discurso, nas abonações e marcas de uso do item registrado. Em relação aos indicadores, que são recursos gráficos que distinguem os itens entre si, estes podem ser tipográficos e não tipográficos. Para Welker (2004), a microestrutura possui duas faces: uma concreta e uma abstrata. Para o autor,

[...] a concreta é aquela que se vê em determinado verbete, é a forma concreta em que as informações sobre o lema são dadas. A abstrata é aquele “programa constante de informação” de que falava Rey-Debove: antes de se confeccionar o dicionário, elabora-se uma microestrutura abstrata, que, em seguida, será preenchida com os dados concretos. A padronização é imprescindível tanto para o usuário (senão a leitura dos verbetes seria muito mais complicada do que já é) quanto para os redatores, que, sem ela, apresentariam as informações de maneiras divergentes. (WELKER, 2004, p. 108)

O verbete, por outro lado, é o gênero textual que surge como produto da estrutura e função do texto lexicográfico no âmbito de uma obra de referência e de seus objetivos, descrevendo o resultado da microestrutura com os dados da língua. Assim, a partir da análise da estrutura e dos conteúdos de verbetes, é possível construir uma descrição da microestrutura, situar seus segmentos informativos e entender como estes se articulam em sua metalinguagem.

Os resultados da pesquisa sobre as cinco obras do século XX, no espaço amostral, revelaram o seguinte panorama: em *O dialeto caipira* (1920), foram identificados 43 padrões de construção de verbete; no *Vocabulário sul-rio-grandense* (1935), 32 padrões; no *Vocabulário amazô-*

nico (1942), 28 padrões; no *Vocabulário de termos populares e gíria da Paraíba* (1959), 46 padrões; e, por fim, no *Dicionário de termos populares (Registrados no Ceará)* (1959), 34 padrões.

Os segmentos informacionais detectados foram, para além do próprio lema principal (LP), a classe (CG) e gênero gramaticais (GG), predicação verbal (PV), definições (DE), variantes (VA), nomenclatura científica (NC) (para as designações de plantas e animais), comentários etimológicos (CE), abonações ou exemplos (AE), notas de referência (NR), fontes de pesquisa (FP), marcas de uso (MU) e remissões (RE). Ilustram-se nos quadros 1, 2, 3, 4 e 5 os arranjos estruturais dos verbetes da amostra que contemplaram as marcas de uso para uma compreensão da ocorrência desse segmento informativo e de sua articulação com outros itens lexicográficos.

Quadro 1: Arranjo de verbete com marca de uso na amostra de microestrutura de *O dialeto caipira* (1920).

ITEM 1	ITEM 2	ITEM 3	ITEM 4	ITEM 5	ITEM 6	ITEM 7
LP	CG	PV	DE	<b>MU</b>	CE	NR

Fonte: Nascimento (2020).

Quadro 2: Arranjo de verbete com marca de uso na amostra de microestrutura do *Vocabulário sul-rio-grandense* (1935).

ITEM 1	ITEM 2	ITEM 3	ITEM 4	ITEM 5
LP	CG	DE	<b>MU</b>	-
LP	CG	<b>MU</b>	DE	-
LP	CG	DE	<b>MU</b>	DE

Quadro 3: Arranjo de verbete com marca de uso na amostra de microestrutura do *Vocabulário amazônico* (1942).

ITEM 1	ITEM 2	ITEM 3	ITEM 4	ITEM 5	ITEM 6
LP	<b>MU</b>	DE	DE	AE	FC

Fonte: Nascimento (2020).

*Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

Quadro 4: Arranjo de verbete com marca de uso na amostra de microestrutura do *Vocabulário de termos populares e gíria da Paraíba (1959)*.

ITEM 1	ITEM 2	ITEM 3	ITEM 4	ITEM 5	ITEM 6	ITEM 7
LP	DE	<b>MU</b>	-	-	-	-
LP	DE	VA	<b>MU</b>	-	-	-
LP	CG	GG	DE	<b>MU</b>	-	-
LP	CG	GG	DE	AE	<b>MU</b>	-
LP	CG	GG	DE	NR	<b>MU</b>	-
LP	CG	GG	<b>MU</b>	DE	NR	-
LP	CG	GG	<b>MU</b>	DE	RE	-
LP	CG	GG	DE	<b>MU</b>	CE	-
LP	CG	GG	<b>MU</b>	DE	VA	-
LP	CG	GG	DE	VA	<b>MU</b>	-
LP	CG	PV	DE	<b>MU</b>	CE	-
LP	CG	PV	DE	NR	<b>MU</b>	-
LP	CG	PV	DE	AE	<b>MU</b>	-
LP	CG	GG	DE	<b>MU</b>	<b>MU</b>	CE
LP	CG	GG	DE	<b>MU</b>	CE	NR
LP	CG	GG	DE	AE	<b>MU</b>	CE
LP	CG	GG	DE	DE	<b>MU</b>	CE
LP	CG	GG	DE	VA	<b>MU</b>	CE
LP	CG	GG	DE	DE	NR	<b>MU</b>
LP	CG	GG	DE	NC	<b>MU</b>	NR

LP	CG	GG	DE	DE	AE	<b>MU</b>
LP	CG	GG	DE	AE	VA	<b>MU</b>
LP	CG	GG	DE	DE	VA	<b>MU</b>
LP	CG	GG	DE	NC	<b>MU</b>	NC

Fonte: Nascimento (2020).

Quadro 5 – Arranjo de verbete com marca de uso na amostra de microestrutura do *Vocabulário de Dicionário de termos populares (Registrados no Ceará) (1959)*

ITEM 1	ITEM 2	ITEM 3	ITEM 4	ITEM 5	ITEM 6	ITEM 7	ITEM 8	ITEM 9	ITEM 10
LP	CG	GG	DE	<b>MU</b>	-	-	-	-	-
LP	CG	PV	DE	<b>MU</b>	-	-	-	-	-
LP	CG	GG	DE	DE	<b>MU</b>	-	-	-	-
LP	CG	PV	DE	DE	<b>MU</b>	-	-	-	-
LP	CG	GG	DE	<b>MU</b>	VA	-	-	-	-
LP	CG	GG	DE	VA	<b>MU</b>	-	-	-	-
LP	CG	GG	DE	<b>MU</b>	NR	-	-	-	-
LP	CG	PV	DE	<b>MU</b>	NR	-	-	-	-
LP	CG	GG	DE	<b>MU</b>	AE	-	-	-	-
LP	CG	GG	DE	AE	<b>MU</b>	-	-	-	-
LP	CG	GG	DE	<b>MU</b>	CE	-	-	-	-
LP	CG	GG	DE	NC	<b>MU</b>	-	-	-	-
LP	CG	GG	DE	<b>MU</b>	<b>MU</b>	-	-	-	-

LP	CG	GG	DE	DE	AE	<b>MU</b>	-	-	-
LP	CG	GG	DE	DE	NR	<b>MU</b>	-	-	-
LP	CG	GG	DE	<b>MU</b>	DE	<b>MU</b>	-	-	-
LP	CG	GG	NC	DE	VA	<b>MU</b>	-	-	-
LP	CG	GG	VA	AE	<b>MU</b>	NR	-	-	-
LP	CG	GG	DE	NC	<b>MU</b>	NR	-	-	-
LP	CG	GG	DE	VA	DE	<b>MU</b>	NR	-	-
LP	CG	GG	DE	NC	NR	NR	DE	<b>MU</b>	-
LP	CG	GG	DE	NC	DE	<b>MU</b>	DE	DE	<b>MU</b>

Fonte: Nascimento (2020).

De modo geral, as marcas de uso (**MU**) aparecem nos dicionários dialetas com a seguinte frequência nos verbetes: em *O dialeto caipira* (1920), foi identificado 1 contexto; no *Vocabulário sul-rio-grandense* (1935), 3 contextos; no *Vocabulário amazônico* (1942), 1 contexto; no *Vocabulário de termos populares e gíria da Paraíba* (1959), 14 contextos; e, por fim, no *Dicionário de termos populares (Registrados no Ceará)* (1959), 22 contextos.

No que diz respeito à estruturação e articulação deste segmento informativo, observou-se que:

- a) a marca de uso se articula preferencialmente à definição;
- b) a marca de uso pode preceder ou suceder a definição;
- c) a posição prototípica da marca de uso é à direita da definição, pois a esquerda é tradicionalmente ocupada por aspectos gramaticais;
- d) a amostra apresenta um verbe de no mínimo de três itens, em que se tem o lema principal, a definição e a marca de uso, e uma estrutura em ninho de dez itens, em que a marca de uso se subordina às acepções do lema principal;



- e) marcas de uso podem ocorrer em seqüência, uma após a outra, para um mesmo lema, desde que pertençam a dimensões sociolinguísticas e condições de uso distintas.

### 3. *Ampliando a percepção sobre as marcas de uso*

Uma vez sistematizada a realidade das marcas de uso da amostra de verbetes dos cinco dicionários dialetais em termos de função e estrutura, procede-se aqui uma discussão e análise dos 58 rótulos empregados pelos lexicógrafos com o intuito de refletir sobre o registro da variação linguística e os juízos de valor embutidos nesses segmentos. Partindo-se do princípio de que as marcas de uso servem para indicar variações, a nomenclatura adotada para a classificação das etiquetas buscou se alinhar à terminologia corrente.

Em síntese, o quadro 6 apresenta as marcas de uso e suas classificações, em perspectiva comparativa, em que as obras de referência aparecem com os títulos em siglas: *O dialeto caipira* (ODC); o *Vocabulário sul-rio-grandense* (VSR); o *Vocabulário amazônico* (VA); o *Vocabulário de termos populares e gíria da Paraíba* (VTP); e o *Dicionário de termos populares (Registrados no Ceará)* (DTP).

Quadro 6: Quadro classificatório e comparativo das marcas de uso da amostra dos cinco dicionários dialetais do século XX.

CLASSIFICAÇÃO DA MARCA	ODC	VSR	VA	VTP	DTP
Diatópica	-	-	Marajó	Capital Capital e cidades Cidades do litoral e capital Cidades do litoral Litoral Sertão Brejo, Alto sertão Brejo	Acaraú; Município de Acaraú Litoral de Paracuru Região do Acaraú Russas Serra de Ipiaba Uso popular em Fortaleza Zona do Cariri Linguagem sertaneja, rural Linguagem popular corrente, especialmente rural

*Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

Diatópico-diastrática	-	-	-	Gíria da capital Gíria atual das cidades	Uso rural ou plebeu, eufêmico Uso plebeu e rural corrente Uso sertanejo, rural
Diastrática	-	-	-	-	Linguagem popular corrente, de acento familiar Linguagem de praieiros e pescadores Uso geral, mas de procedência sertaneja, rural Uso popular corrente, de acento plebeu e rural Uso popular de acento plebeu
Diacrônica	-	Port. antigo	-	-	-
Diatópico-diacrônica	-	-	-	-	Uso rural, hoje quase desaparecido
Frequência	Pouco usado	-	-	Uso geral Uso generalizado Nome geral	Uso geral Uso eventual Uso popular corrente
Diafásico-diastrática	-	Gíria do ri-nhedeiro	-	Gíria de futebol Gíria das brigas de galo Gíria de ladrão	Uso plebeu, rústico, meio burlesco
Diafásica	-	-	-	-	Linguagem popular corrente, depreciativa, em tom jocoso ou irônico, não raro Linguagem jocosa, chula

					Uso popular em tom jocoso Termo grosseiro ou pejorativo Termo depreciativo Termo burlesco Termo chulo Uso restrito, em tom jocoso e escarninho Uso popular em fato jocoso Uso popular burlesco ou irônico Uso popular corrente, jocoso e irônico Termo obsceno Uso restrito
Estrangeirismo	-	Castelhanismo	-	-	-
Área de conhecimento	-	-	-	Folclore	-

Fonte: Nascimento (2020). A partir da amostra, foram identificadas as seguintes relações no âmbito das marcas de uso, levando-se em conta a tipologia de dicionário dialetal e os juízos de valor que permeiam as rotulações:

- a) \*português ↔ □ estrangeirismo
- b) urbano ↔ □ rural
- c) capital ↔ □ cidades
- d) regional/zona ↔ □ \*local
- e) sertão ↔ □ litoral
- f) \*não plebeu ↔ □ plebeu
- g) sertanejo ↔ □ praieiro e pescador
- h) linguagem popular ↔ □ gíria/termo

- i) atual/corrente ↔ □ antigo
- j) geral ↔ □ popular ↔ □ eventual ↔ □ restrito ↔ □ pouco usado ↔ □ quase desaparecido
- k) eufêmico ↔ □ irônico/burlesco/jocososo ↔ □ chulo/grosseiro/obsceno
- l) \*língua ↔ □ folclore

De modo geral, os segmentos informativos revelaram um direcionamento à oralidade, descrevendo não só ao consulente a dimensão espacial, mas também a dimensão social, aspecto que sofre uma maior agência de juízos de valor, explicitando aquilo que pode ser dito e não dito e seus efeitos de sentido na interação verbal, tendo em vista o estrato social ao qual o item pertence e que será vinculado ao falante mediante seu uso.

#### **4. Considerações finais**

Buscou-se, neste trabalho, apresentar uma breve análise das marcas de uso empregadas em cinco dicionários dialetais brasileiros do século XX, com o intuito de refletir sobre o registro da variação linguística e os juízos de valor embutidos nesses segmentos.

Marcas de uso são segmentos informativos da microestrutura de um dicionário que fornecem, ao consulente, as dimensões sociolinguísticas de um item lexical e suas condições de emprego no exercício comunicativo por meio de rotulações convencionadas no âmbito do planejamento da obra lexicográfica, na macroestrutura, contando com a sensibilidade e a intenção do lexicógrafo sobre o *corpus* linguístico. No verbete, o segmento se articula preferencialmente à definição, normalmente à direita da paráfrase explanatória. No âmbito dos dicionários dialetais, percebeu-se a mobilização de dois eixos para a rotulação dos usos: uma dimensão espacial e outra social.

Enquanto a dimensão espacial apresenta uma polarização entre o rural e o urbano, o sertão e o litoral, o regional e o local, a dimensão social configura-se como um espaço para a agência de juízos de valor na língua, sobretudo nas esferas do formal e do informal, alertando ao consulente das implicações de emprego na fala e das relações identitárias associadas ao uso. Dizer/falar/interagir é “associar-se a”, de modo que, no vocabulário, há a distinção entre o que se considera popular, as gírias e

termos de grupos, com um detalhamento das escalas de formalidade dos seus empregos para o que é próprio e impróprio.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL, Amadeu. *O dialeto caipira*: gramática, vocabulário. São Paulo: O Livro, 1920.

ATKINS, Beryl; RUNDELL, Michael. *The Oxford Guide to Practical Lexicography*. New York: Oxford University Press, 2008.

BURKHANOV, Igor. *Lexicography: A Dictionary of Basic Terminology*. 1 ed. Rzeszow: WWP, 1998.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. A dialectologia no Brasil: perspectiva. *DELTA*, Ano 15, v. 15, p. 233-55, São Paulo: PUC-SP, 1999. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-44501999000300010](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44501999000300010).

\_\_\_\_\_. *Geolinguística*: tradição e modernidade. São Paulo: Parábola, 2010.

CLEROT, Leon. *Vocabulário de Termos Populares e Gíria da Paraíba* (Estudo de Glotologia e Semântica Paraibana). Rio de Janeiro: [s.ed.], 1959.

GONZÁLEZ, Verónica Cristina Trujillo. *Lexicografía, Metalexigrafía y Traducción*: estudio del Dictionnaire culturel de la mythologie gréco-romaine. Tese (Doutorado em Tradução, Comunicação e Cultura) – Departamento de Filología Moderna, Universidad de Las Palmas de Gran Canaria, Las Palmas de Gran Canaria, 2011.

HARTMANN, Reinhard; JAMES, Gregory. *Dictionary of Lexicography*. London: Routledge, 2002.

MENDES, Amando. *Vocabulário amazônico*. São Paulo: Sociedade Impressora Brasileira, 1942.

MIRANDA, Felix Valentin Bugueño; BORBA, Laura Campos. Manual de (meta)lexicografia. Goiânia: Espaço Acadêmico, 2019.

MIRANDA, Félix Valentim Bugueño. Da classificação de obras lexicográficas e seus problemas: proposta de uma taxionomia. *Alfa*, v. 58, p. 215-31, São Paulo, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/alfa/v58n1/09.pdf>.

MORAES, Luiz Carlos. *Vocabulário sul-rio-grandense*. Porto Alegre: Globo, 1935.

NASCIMENTO, Ivan Pedro Santos. *Lexicografia dialetal brasileira: o estado da arte no século XX (1920–1959)*. Dissertação (Mestrado em Língua e Cultura) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2020.

OLIVEIRA, Aniele Souza de. *Léxico brasileiro em dicionários monolíngues e bilíngues: estudo metalexiconográfico da variação em perspectiva dialetal e histórica*. Tese (Doutorado em Língua e Cultura) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2017.

KRIEGER, Maria da Graça *et al.*. A lexicografia brasileira do século XX: dicionários inaugurais e temáticas. *Cadernos do CNLF*, [s.l.], v. 13, n. 4, p. 1426-34, 2009. Disponível em: [http://www.filologia.org.br/xiii/cnlf/XIII\\_CNLF\\_04/tomo\\_2/a\\_lexicografia\\_brasileira\\_do\\_seculo\\_xx\\_A\\_LEXANDRE\\_ROSINALDA\\_MARIA.pdf](http://www.filologia.org.br/xiii/cnlf/XIII_CNLF_04/tomo_2/a_lexicografia_brasileira_do_seculo_xx_A_LEXANDRE_ROSINALDA_MARIA.pdf).

REY-DEBOVE, Josette. Léxico e dicionário. Tradução de Clóvis Barleta de Moraes. *Alfa*, v. 28 (Supl), p. 45-69, São Paulo: UNESP, 1984. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/download/3678/3444/9116>.

SERRAINE, Florival. *Dicionário de termos populares (Registrados no Ceará)*. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1959.

SILVESTRE, João Paulo; VERDELHO, Telmo (Org.). *Dicionarística portuguesa: inventariação e estudo de patrimônio lexicográfico*. Aveiro: Universidade de Aveiro, 2007.

VILARINHO, M. M. de O. Marcas de uso: estudo e proposta. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, v. 59, n. 2, p. 375-96, Campinas-SP, 2017. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8649150>.

WELKER, Herbert Andreas. Questões teóricas genéricas. In: XATARA, Claudia; BEVILACQUA, Cleci; HUMBLÉ, Philippe René Maria; WELKER, Herbert Andreas (Org.). *Dicionários na teoria e na prática*. São Paulo: Parábola, 2011. p. 29-37

WELKER, Herbert Andreas. Pesquisando o uso de dicionários. *Linguagem & Ensino*, v. 9, n. 2, p. 223-43, Pelotas, 2006.

*Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

\_\_\_\_\_. *Dicionários: uma pequena introdução à lexicografia*. Brasília: Thesaurus, 2. ed., 2004.

ZGUSTA, Landislav. *Manual of lexicography*. Paris: Mouton, 1971.